



revista de
POLVOREIRA
GUIMARÃES

O Bom Pastor

passado

presente

futuro

ABRIL 2021

Número: 40

REVISTA MENSAL DA JUNTA DE FREGUESIA DE POLVOREIRA



CENSOS 2021
Onde estão todos.

A partir de 5 DE ABRIL, irá receber uma carta do INE, para responder aos CENSOS 2021, através da INTERNET. Esta carta será distribuída por colaboradores do INE devidamente identificados e disponíveis para prestar os esclarecimentos necessários.

A partir de **19/04**

Contamos todos. Contamos com todos.

RESPONDA PELA INTERNET DE PREFERÊNCIA ATÉ 03/05 censos2021.ine.pt

Francisca Henriques | Frederico Oliveira | Margarida Vale

O que preocupa esta Junta para além de toda a actividade inerente às necessidades correntes dos seus fregueses?

Dum trabalho académico que consultamos, tiramos as notas que a seguir expomos e que são, para nós, motivo de preocupação mas, também, de motivação para tentar encontrar soluções para o problema que os nossos idosos enfrentam.

Em Portugal, o índice de envelhecimento é cada vez mais elevado, resultando em um aumento de casos de idosos com doenças crónicas e de dependência, como é o caso da demência, levando muitas das vezes à sua institucionalização.

Contudo, quando ocorre a institucionalização, o idoso é sujeito a um conjunto de normas e de regras que não faziam parte da sua personalidade e individualidade, da sua história de vida. Por outras palavras, quando o idoso é institucionalizado, é submetido a um conjunto de regras ou costumes que lhe são impostos, a uma companhia que não teve oportunidade de escolher, a solicitar autorização para sair da instituição, ou a ter que participar em actividades quando não lhe apetece.

Muitas dessas instituições, como é notório, acabam por não ter em consideração os desejos e motivações dos utentes, pois limitam-se a dar resposta às necessidades fisiológicas, esquecendo-se das de nível social e afectivo. Muitas destas adaptações que os idosos enfrentam ao serem institucionalizados representam verdadeiras crises, que perturbam a sua identidade, o que pode manifestar-se em dificuldades de adaptação devido aos problemas psicológicos pelos quais passaram, como, por exemplo, as perdas, a doença e o desenraizamento. "E as perdas suscitam, nas pessoas idosas, depressão, ansiedade, reações psicossomáticas, afastamento e descompromisso."

Assim, os princípios da intervenção do Serviço Social com pessoas idosas, devem passar por valorizar as tarefas do quotidiano e a construção do projecto de vida, das suas necessidades e preocupações. "A sua opinião deve ser ouvida e respeitada, como os seus hábitos, costumes, crenças e valores culturais. Deve ser informado dos seus direitos e deveres enquanto beneficiário dos serviços de acção social e de saúde. Cada situação é objecto de uma avaliação pormenorizada, definindo-se, com a pessoa idosa e sua família, um plano de cuidados personalizados e individualizado, de carácter preventivo e reabilitador.

Prazo de validade dos documentos caducados a partir de 24 de fev. de 2020

Decreto-Lei n.º 22-A/2021

Actividade da Junta em imagens

MATRÍCULAS 2021/2022
PRÉ-ESCOLAR e 1.º ANO
De 15 ABRIL a 14 MAIO de 2021

ANO LECTIVO 2021/2022

ESPAÇO DO CIDADÃO

CARTÃO DO CIDADÃO

SEGURANÇA COVID

VACINAÇÃO ANTIRRÁBICA

15 JULHO 2021

11H30
Parque de Estacionamento
Escola EB1 JI de Polvoreira

LIXO GROSSO

ANOTE AS DATAS DE RECOLHA

**03 DE FEVEREIRO
27 DE ABRIL
22 DE SETEMBRO
07 DE DEZEMBRO**

2021



Nº 40 ABRIL 2021



04 e 05

Padre Isaac

Os últimos anos em Timor
Tatu Beessé, Atsabe e Ermera



06 e 07

Associativismo

Rememorando a História da UDP
O FUTURO ESTÁ A CHEGAR



08

dos porquês...

A Pandemia,
a Economia, a Sociologia



09

da saúde...

Pedro Silva Carvalho

Covid - 19
As repercussões a nível neuropsiquiátrico



10 e 11

Escola de Polvoreira

Eça de Queirós
Um escritor intemporal
Crónica de Sara Freitas



12 e 13

Da nossa janela...

A história do Palhaço Pobre
que foi Rico e ficou Muito Pobre



14

Os nossos colaboradores

Nuno A.P.O.E. de Abreu

Polvoreira no centro da actividade
Religiosa no Portugal Medieval



Carlos Alberto Oliveira
Presidente da Junta de Freguesia de Polvoreira

EDITORIAL

Aquando da celebração do Domingo do Bom Pastor e das Vocações, dirigiu o Sr. Arcebispo à comunidade dos paroquianos de Polvoreira, na qual naturalmente me incluo, uma mensagem de que retive fundamentalmente estas palavras:

“Segui atrás do vosso pastor que ele é o representante de Jesus Cristo, mas todos somos, com as vossas ideias, com as vossas opiniões, sejam concordantes ou não, por vezes dizer coisas que nem todos aceitam pode ser útil, desde que ditas olhos nos olhos, frente a frente, procurando o bem da comunidade.”

Pois bem, cumprindo o meu dever, procurando o bem da comunidade, frente a frente, olhos nos olhos, gostaria de, publicamente, emitir a minha opinião.

Desde que iniciei a minha actividade como autarca, há já mais de vinte anos, sempre tive com o meu pároco, o Padre Isaac, o meu Pastor, uma relação de grande sintonia na procura do bem da nossa comunidade. Realizamos um trabalho conjunto que D. Jorge Ortiga reconheceu, na Inauguração do Centro Social de Polvoreira e da Unidade de Cuidados Continuados, de grande mérito.

Infelizmente, com a chegada do novo Pastor, a sintonia entre a Junta de Freguesia e a Paróquia foi cruel e publicamente quebrada. Mas não vou, aqui, falar da mim, vou falar da Comunidade.

Como Presidente da Junta e dada a falta de empatia entre o Pároco e diversas associações da igreja, tive de vir prestar-lhes o auxílio que lhes fora recusado pela Paróquia. Refiro-me aqui e desde logo, à sede da FNA. Foi proposto à Comissão Fabriqueira da Paróquia que aceitasse a doação de uma fracção feita por um antigo escuteiro enquanto administrador de uma empresa, em troca do pagamento das despesas da transacção. O Pároco informou só aceitar, desde que **tudo fosse pago** pela Fraternidade Nuno Álvares. Foi a Junta que veio a assumir a doação pagando as despesas e garantindo a utilização das instalações, através de um contrato de comodato.

O Agrupamento de Escuteiros de Polvoreira não tem uma sede com condições para promover a sua actividade. Acresce que é marginalizada pelo seu Assistente. No Natal passado, foi o seu chefe severamente repreendido por ter iluminado com duas lâmpadas um presépio. Os Escuteiros nem sequer foram convocados para a cerimónia do dia do Pastor, como se não fizessem parte do rebanho. Como os terrenos doados até ao momento para construção da sede acrescerem ao património da Igreja, teve esta Junta de tentar resolver a situação garantindo condições ao Agrupamento para desempenhar a sua Missão.

Quando o novo Pastor chegou, o Rancho de Polvoreira usufruía de uma sede própria. Com a sua chegada foi expurgada da mesma e remetida para uma sala e solicitado o pagamento de uma renda.

Se como paroquiano seguisse, como é solicitado aos Polvorenseiros, atrás do Pastor que D. Jorge Ortiga nomeou para a nossa paróquia, todas essas associações continuariam de mão estendida. Talvez D. Jorge, longe de Polvoreira, com os seus muitos afazeres não tenha tempo de aprofundar a realidade da nossa Paróquia. Mas eu, que a percorro todos os dias, confronto-me com paroquianos que dedicaram toda uma vida à sua paróquia e foram depois descartados, sem mais. E vêm mesmo o seu Pároco, voltar-lhes a cara quando com eles se cruza. Não, não se tratam de acontecimentos que podem parecer, mas da realidade factual que, na procura do bem da comunidade, e a solicitação de D. Jorge Ortiga, não poderia deixar de aqui denunciar.



DIRECÇÃO Nuno M. P. de Abreu - @: nunodoraso@gmail.com
REDACÇÃO: A do Ribeiro do Pinto, António Gomes, Nuno A Pereira, C. Mota Reis, Maria A. de Portugal, Maria C. Gomes, P. Torres, Maria Carolina L. da Silva



DIRECÇÃO ARTÍSTICA Carlos M. P. de Abreu - @: c.miguel.abreu@gmail.com
IMPRESSÃO E ACABAMENTO - costaguestreiro,lda - Penselo, Guimarães
EMAIL: revistapolvoreira@gmail.com



PROPRIEDADE E EDIÇÃO: Junta de Freguesia de Polvoreira, com sede na Rua do Formigoso, n.º 103, 4835 - 168, Telefones: 253 523 896; 253 557 128. Publicação periódica isenta de registo na ERC, ao abrigo da alínea b) do n.º 1 do artigo 12.º do Decreto Regulamentar n.º 8/99, de 9 de Junho, com as alterações introduzidas pelo Decreto Regulamentar n.º 2/2009, de 27 de Janeiro.



rubrica

personalidades

O Padre Isaac

Os Últimos Anos em Timor

parte XIII

Naturalmente que a vida do Padre Isaac em Timor não passava apenas por aprender a tocar cornetim. Compunha-se do exercício de múltiplas e variadas funções, ao serviço da comunidade timorense.

Timor era uma terra rica olhada sob variadas vertentes e uma delas era a do café e dos frutos tropicais. Havia em Timor frutos maravilhosos como a manga, a papaia ou o mangustão que o Padre Isaac apreciava com frequência. Mas de toda aquela diversidade, o que mais recorda o nosso antigo e estimado pároco foi a primeira vez que bebeu água de coco.

Estava com os alunos do Colégio em passeio num dia bastante abafado. A sede era evidente no rosto de cada um deles. O Padre Isaac sentia a boca completamente seca. Por perto, nem réstia de água. De repente, apareceu uma catana. Um aluno com uma agilidade impressionante sobe a um coqueiro levando-a presa à cintura. Com a mesma facilidade com que subiu, corta um grande cacho de cocos que cai com estrondo no solo. Já cá em baixo, com três ou quatro catanadas colocou-lhe à frente um coco contendo a água com que mataria a sede. Um líquido saboroso que ainda hoje frequentemente relembra.

Em meados da década de sessenta, do século passado, abriu em Timor uma emissora que transmitia muitas canções portuguesas e brasileiras e noticiava diversos acontecimentos decorridos no continente. Para ter acesso àquelas ondas rádio que transportavam informação na sua terra distante, mandou o Padre Isaac vir da Alemanha um grande rádio transístor que lhe custou os olhos da cara, mas que captava diversas estações de todo o mundo. Às vezes, ouvia de madrugada, devido às diferenças dos fusos horários, os relatos dos jogos de futebol do campeonato realizado no continente, matando saudades. Ainda o transportou para Portugal quando para aí regressou, mas tornado obsoleto, sujeito a diversas reparações, acabou por o deixar na própria oficina que delas se encarregava.

Entretanto, a sua actividade missionária sofria alterações. O Padre Isaac é escolhido para exercer a sua actividade educativa numa nova escola, a dois quilómetros e meio de Dili. Chamava-se Escola Bispo Medeiros. Destinava-se à formação mais aprofundada de catequistas. Era director da Escola o P. Martinho da Costa Lopes, mais tarde administrador apostólico da Diocese. Na invasão de Timor pela Indonésia, foi considerado *persona non grata* pelas autoridades invasoras por defender o povo timorense. E nesse papel foi figura de destaque na comunicação social da época, em Portugal. Da escola Bispo Medeiros, o P. Isaac que aí foi perfeito e professor, recorda-o como um bom colega. Mas para além daquelas funções educativas foi solicitado, ainda, ao nosso biografado que exercesse o professorado na disciplina de Religião e Moral, no Liceu de Dili, o único existente em Timor, na altura.

Como é natural, não se restringia à actividade docente a acção missionária do Padre Isaac. Colaborava no exercício das suas funções religiosas com a paróquia da Imaculada Conceição, onde cantara a sua Missa Nova. Aos sábados, principalmente, ajudava, nas confissões o responsável por aquela paróquia que vivia, precisamente, na Escola Bispo Medeiros. Para se deslocar no



Martinho da Costa Lopes, Administrador Apostólico de Díli

exercício da sua actividade, comprou, o Padre Isaac, uma bicicleta a um chinês que ainda hoje recorda como exemplo de honestidade comercial. Não só não lhe deu a bicicleta qualquer problema durante os oito meses em que dela fez uso, como, findos estes, o chinês a recebeu pelo mesmo preço por que a tinha vendido. Naqueles tempos, a biclete era em Timor o meio de transporte mais usual. Em Díli, para além dos jeeps da diocese, havia, ao tempo, apenas um automóvel por sinal pertencente a um sacerdote macaense que o recebera de prenda de um cunhado.

Acontece, entretanto, que faltando pouco tempo para regressar de licença graciosa a Portugal, por conveniência de serviço foi o Padre Isaac transferido para a missão de Ermera. Ficou um tanto ou quanto surpreso com essa transferência, dado, por um lado, faltarem poucos meses para o início da sua licença graciosa, como, por outro, se sentir muito bem na Escola Bispo de Medeiros e na docência de Religião e Moral, no Liceu de Díli. Para se deslocar para Ermera, foi indicado ao Padre Isaac uma camionete de carga. Saiu de manhã já o sol tinha nascido. Na caixa de carga da camionete seguia uma série de encomendas que o motorista iria distribuir. O P. Isaac não se sentiu muito confortável ao misturar todos os seus pertences com todas aquelas mercadorias. Por uma questão de cautela, resolveu por isso, seguir na caixa de carga em vez de ocupar o lugar que lhe estaria destinado na cabine do motorista. Assim tomaria devida conta do seu espólio pessoal. Só que acabou por chegar a Ermera, ao entardecer, suado e coberto de pó e ao olhar-se ao espelho Isaac só conseguiu distinguir os seus olhos.

segue página 5



Paróquia de Esmera

Nota

No mês passado, cometemos aqui um lapso ao identificar como director do Colégio S. Francisco Xavier, o padre Joaquim Campos quando na verdade deveríamos ter referido P. Jacinto Campos. Apresentamos as nossas desculpas ao Sr. Padre Isaac.



Rememorando Histórias Vividas

Depois de um saboroso duche, em água abundante num banheiro, e a mudança da roupa empoeirada, o Padre Isaac sentiu-se revigorado e com novo ânimo para encarar as novas tarefas que lhe haviam sido confiadas.

Ermera era mesmo uma vila muito airosa, conhecida pela terra do café, e ficou um pouco intrigado quando soube, mais tarde, que fora colocado em Ermera devido à inadaptação de um padre jesuíta português às funções que ali exercia.

Sendo Ermera a terra do café de Timor, ali residiam muitos colonos e até deportados políticos que naquela fértil terra tinham conseguido construir uma vida de grandeza e luxo muito devido ao fruto do cafezeiro. Para aqueles deportados políticos, poder-se-á dizer mesmo, que o castigo da deportação se convertera na concessão de oportunidades a que jamais acederiam, se não fossem castigados. Se tivessem ficado em Portugal provavelmente não passariam de revoltados e descontentes. Em Timor tornaram-se senhores de grandes plantações de café, com mão de obra barata fornecida pelos nativos timorenses, possibilitando-lhes uma vida faustosa.

O café era tão importante para as gentes de Ermera que existia aí um grupo desportivo cuja denominação era: Café - Clube Associativo de Futebol de Ermera. Constituía um dos quatro ou cinco grupos mais conhecidos de Timor. Aos treinos ou desafios realizados aos sábados ou domingos pela manhã, assistiu por vezes o Padre Isaac, depois da Eucarista.

Na Missão o serviço era organizado de forma a que enquanto um sacerdote ficava no centro da Missão, o outro ia aos aglomerados populacionais mais distantes mas incluídos territorialmente na sua supervisão religiosa. Alternavam as saídas, mas em certas ocasiões ficavam ambos na Missão Central para descansar, trocar impressões e por em ordem a burocracia

O Superior da missão de Ermera era um padre goes. Das primeiras coisas que pediu ao padre Isaac foi que realizasse uma representação natalícia, certamente concededor dos espectáculos teatrais levadas a cabo pelo Padre Issac anteriormente. O nosso antigo pároco, que o não era, deitou, então, mãos à obra apesar das dificuldades que tinha pela frente: sem salão, sem cenários, sem mesmo um gerador eléctrico que lhe garantisse os contrastes das luzes do palco. O Superior pediu o salão ao administrador que, tal como ele, era goes, obteve um cenário pobrezinho mas suficiente, e apresentou-lhe um catequista excepcional com quem directa ou indirectamente manteve relações durante muitos anos conforme daremos conta mais adiante.

Na representação de Natal, o catequista desempenhou um papel fundamental. Como catequista tocava muito bem harmónio e sob orientação do Padre Isaac ensaiou os cânticos com os cantores e executou-os na representação. O salão esteve cheio, foi muito aplaudido, embora, como reconheceu o Padre Isaac, sem a veemência registada aquando da representação similar no Seminário.

António Gomes

A ida a Tatu Beessé e a Atsabe



rochedo em rochedo de grande altura até à ribeira por onde se dispersava.

Numa ida a Tatu Beessé, o Padre Isaac conduziu o jeep da Diocese por aqueles caminhos tortuosos e extremamente perigosos do interior de Timor. Tinha carta de ligeiros e pesados tirada no tempo em que estava no Colégio de S. Francisco Xavier.

Ao fazer uma curva, o jeep galgou um montículo e este quase a capotar. Por sorte tal não aconteceu. Se tivesse acontecido, talvez o Padre Isaac nunca tivesse sido pároco de Polvoreira, nem fundado o Centro Social. A viagem de regresso correu, graças a Deus, sem incidentes

Numa outra viagem a Atsabe, povoação bastante afastada de Ermera, os cristãos estavam à sua espera, avisados pelo catequista. O Padre Isaac confessou até à noite e preparou, desde logo, os que desejavam ser baptizados e o seriam na visita seguinte. Jantou e pernitoou na casa do chefe do posto, numa interligação civilizada que faz corar de vergonha os agentes responsáveis nos dias de hoje!

Depois do almoço, o Padre Isaac regressou a Ermera e aproveitou a viagem para observar uma famosa cascata de Timor da qual ouvira falar mas que nunca tinha visto. Foi um deslumbrante espectáculo com a água caindo de

Um Cavalo Amigo

Um dia surgiu na Missão um jovem, familiar ou vizinho de uma cristã que estava a morrer, a solicitar ao Padre Isaac para se deslocar a sua casa para lhe administrar os últimos sacramentos. A casa da moribunda não tinha acessos a automóveis. Só lá a conduziam carreiros estreitos entre ravinas, e ao Padre Isaac não restou outra alternativa que não fosse montar o cavalo que aquele jovem segurava pela trela, um cavalo já algumas vezes utilizado em situações análogas.

Sacramentada a senhora, que estava perfeitamente lúcida, e se notava ter ficado feliz por ter recebido o sacramento da reconciliação, da eucaristia e da bênção dos doentes, foi o Padre Isaac surpreendido com a oferta da única riqueza que naquela casa havia: um galo de luta e de apostas.

Recusou o padre Isaac a oferta, não só porque não era apreciador de lutas de galos, onde por vezes se matavam uns aos outros, como não queria



privar aquela família de sua riqueza maior. Emocionado, retornava a casa por caminho errado, quando puxou as rédeas ao cavalo e este se empinou, provocando-lhe a queda. Salvou-o o cavalo que manteve sempre levantada a pata da frente para não esmagar o peito do Padre caído, só a pousando quando ele conseguiu dali sair. A partir daí o cavalo, praticamente sozinho, seguiu o caminho de casa que ele bem conhecia.



rubrica

Associativismo



Rememorando "A História da UDP"

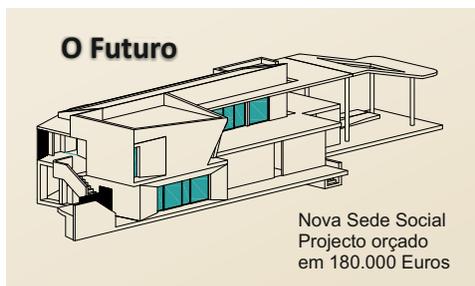


Ao ler a entrevista de João Alves Pereira dada ao Jornal de Guimarães, de imediato nos lembramos da reportagem que, em Março de 2018, publicávamos na "Revista de Polvoreira" dando conta do início da UDP. Ali referimos que a congregação de esforços teve início no Natal, do ano de 1971, na tasca do Aníbal, que teve como antecedente associativo o "Carvalhos Futebol Clube, de que João Alves Pereira foi associado, como o comprovava o cartão que então reproduzimos.

Descrevemos, ainda, que em Agosto do ano seguinte, fora constituída uma comissão encarregada de dar corpo ao projecto e que arrenda o "Campo Seco da Vinha".

E que, a um de Abril de setenta e três, é afixada no café do Aníbal, no lugar do Bem Viver, primeira "sede" do clube, uma convocatória dirigida a todos os interessados na fundação de uma associação desportiva, para uma assembleia "ad hoc" a realizar naquele café, pelas 21 horas do dia 28 de Abril. Assembleia essa que veio a ter lugar e a marcar a data, de facto, da fundação da associação desportiva mais representativa da nossa freguesia.

Ao lado dessa pequena reportagem reproduzíamos um desenho que fazia parte do Projecto de Construção da nova sede do Clube e do orçamento necessário para o concretizar.



Nova Sede Social
Projecto orçado
em 180.000 Euros

Passados três anos o projecto está em fase de conclusão. Apesar da pandemia a perseverança associativa sobrepôs-se-lhe e a obra esta praticamente concluída. É altura de, pensamos nós, registar a história oficial do Clube de forma a que não venha a surgir versões pessoais e egoístas, não devidamente conectadas com a

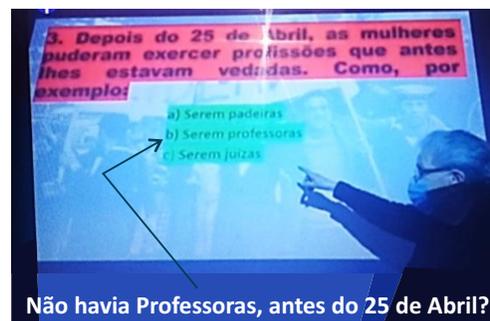
realidade factual documentada, ou traditada, que possam colocar em causa os caminhos sofridos, mas gloriosos, que a União Desportiva de Polvoreira percorreu nos seus quase cinquenta anos de história se partirmos do dia em que foi concebida:

O Natal de 1951



Esta é a madrugada que eu esperava
O dia inicial inteiro e limpo
Onde emergimos da noite e do silêncio
E livres habitamos a substância do tempo

Sophia de Mello Breyner Andersen, 1974



Não havia Professoras, antes do 25 de Abril?

O Sr. Presidente da República, no dia 25 de Abril, na sessão solenena Assembleia da República, afirmou:

«É prioritário estudar o passado e nele dissecar tudo, o de bom e de mau e daí retirar lições ... sem temores nem complexos, com a natural diversidade de juízos própria da democracia. Mas que se não transforme o que liberta, e toda a revisitação, em mera prisão de sentimentos, úteis para campanhas de certos instantes, mas não úteis para a compreensão do passado, a pensar no presente e no futuro»

No Centro Social da nossa Freguesia foi apresentado um powerpoint tentando recordar o Portugal do antes 25 de Abril. Só que afirmava isto num diapositivo: que estava interdito às mulheres a profissão de professoras. Ora isto violenta a minha memória e certamente a de muitos dos utentes que iniciaram a sua actividade escolar nos anos cinquenta.

Ao usar aqui, por vezes, o pseudónimo Maria Carolina Leite da Silva, tento recordar uma professora primária que me ajudou em muito no meu percurso de vida, e a exercia na escola da Valinha!

Nuno M. de Abreu



Agostinho Lopes Teixeira, Polvoreirense por paixão

Morreu Agostinho Lopes Teixeira. Não nasceu em Polvoreira, não residia em Polvoreira, não faleceu em Polvoreira, mas foi sepultado em Polvoreira e ficará eternamente entre nós porque na vida social e religiosa foi intrinsecamente um Polvoreirense. Por isso mais de uma centena de Polvoreirenses quiseram prestar-lhe uma última homenagem.

Agostinho Lopes Teixeira, nasceu em Santiago de Cadoso, a 17/02/68, e filiou-se na União Desportiva de Polvoreira, a 20/05/93. Completaria, daqui a dias, 28 anos de associado.

Casou com Maria da Conceição da Cunha Ribeiro, mais conhecida como a Suzy, a filha mais nova de José Pereira Ribeiro conhecido na União Desportiva da qual foi director e de que Agostinho era associado, como o Tio Zé. Aliás, diga-se de passagem que o Tio Zé, para além de membro activo da maior associação desportiva da freguesia, foi um cidadão sempre presente tendo sido eleito para a Mesa da Assembleia da Junta de Freguesia.

Foi no mandato do Presidente da União Desportiva, Carlos Alberto Oliveira, em 2010, que Agostinho Teixeira foi convidado a 'integrar-se' como sócio activo no movimento associativo, acabando por ser presença assídua nas instalações do clube e culminando com a sua incorporação na equipa sénior, no Campeonato da Associação de Futebol Popular, de Guimarães.

O 'Gusto Santiago', como todos o conheciam, era um homem sempre bem disposto na convivência com os seus amigos, com quem adorava sentar-se em volta de uma mesa, jogando à sueca, e nunca desperdiçava um bom jogo de chincalhão. Aliás, sendo um empresário de sucesso, sócio de uma conhecida Serralharia, nunca queria deixar de lado o ferro com que ganhava a sua subsistência e daí, eram tardes e tardes com a 'malha' na mão.

O seu carácter, a sua boa disposição e a sua entrega em tudo aquilo o que se propunha a fazer ou participar, não deixavam ninguém indiferente.

O seu filho, Diogo André Ribeiro Teixeira, com apenas 8 anos, chega também ele ao clube, na qualidade de atleta, integrando a equipa de Traquinas, na época 2015/2016. Segue o seu caminho nas camadas de formação até aos dias de hoje, sendo actualmente atleta da equipa do escalão de Iniciados. Alimentando esta paixão do Diogo pelo futebol, o nosso 'Gusto' passa a acompanhar permanentemente o percurso do seu filho no seu crescimento futebolístico enquanto jogador do da UDP.

Era, para além disso, presença assídua em todas as actividades, desde as Festas de Aniversário, passando por Convívios, Passeios ou Jantares. Sempre que solicitado, o seu contributo financeiro era generosamente depositado nas mãos que se lhe estendiam.

Em 2014, passou a integrar a equipa de Veteranos. Não faltava a um jogo, a um treino que fosse. Mesmo com ligeiras lesões, ele dizia presente.

Mas não estamos aqui a tecer loas a escrever textos laudatórios porque morreu o Agostinho Lopes Teixeira, o nosso "Gusto Santiago". Com efeito, agradecendo a dedicação de cerca de 26 anos à União Desportiva de Polvoreira, em Maio de 2019, esta associação, na primeira edição da Gala 'Polvoreira Golden Night', distinguiu-o com o prémio, ATLETA REVELAÇÃO, fruto da sua disponibilidade e entrega na defesa e honra das cores daquele clube como as imagens que ilustram este texto comprovam.

Apesar de não ser paroquiano de Polvoreira, também os Amigos da Paróquia se associaram à dor da família e publicaram no seu site:

"Faleceu AGOSTINHO LOPES TEIXEIRA

Estamos transtornados com a triste notícia do falecimento do Agostinho Lopes Teixeira e lamentamos a sua perda. Os Amigo da Paróquia de Polvoreira e toda a família paroquiana está ao lado da família e amigos do Agostinho Lopes Teixeira neste momento de muita dor.

Não nos cabe a nós questionar os designios de Deus, apenas devemos procurar aceitar e n'Ele encontrar a paz e a força para seguir em frente. Vamos orar por todos os familiares, para que encontrem essa paz nos braços de Deus e, conforto e apoio uns nos outros.

Oremos ao Senhor da Vida: Dai-lhe Senhor o Eterno Descanso, nos esplendores da Luz Perpétua, que descanse em Paz. Amen."





A Pandemia, a Economia, a Sociologia

Numa análise à crise económica gerada pela Covid-19, podia ler-se, há uns tempos, na página de Economia do El País: "O ser humano e os povos estão atravessados por cicatrizes e memória. Ambos constroem o que serão e o que foram" Com efeito, a hiper inflação da República de Weimar ainda tem hoje repercussão nas políticas alemãs de austeridade; a Grande Depressão nos Estados Unidos criou nos norte-americanos o sentimento de evitar o desperdício - *waste not, want not* - e da crise de 2008 resta um legado de precariedade e iniquidade que empobrecem a vida de milhões de pessoas em muitas democracias ocidentais.

É impossível pensar que essa inimaginável experiência de máscaras, distanciamento social, perdas humanas e o confinamento da vida não trará consequências após o final da pandemia. E quanto tempo mais durar a crise maior dano será o seu dano económico e social. E como aquele artigo faz notar, o mais singular desta crise é que esta pandemia se aproveita precisamente do desenvolvimento económico que caracteriza a nossa sociedade actual: superpopulação, turismo maciço, cidades imensas, viagens aéreas constantes.

Destaca ainda aquele artigo que a pandemia Covid-19 constituiu uma autêntica placa de Petri de um qualquer laboratório. Na verdade, a placa de Petri, na definição da wikipédia, é um "recipiente cilíndrico, achatado, de vidro ou plástico que os profissionais de laboratório utilizam para a cultura de microorganismos". Ora, um Lucifer qualquer usou a pandemia como uma placa onde misturou células do nosso desenvolvimento económico donde resultou a criação de um microorganismo que mata tanto mais quanto mais vigorosas são essas células, os índices de progresso: o turismo maciço, a superpopulação, ou as viagens aéreas constantes.

Não restarão dúvidas que os efeitos económicos da pandemia serão enormes sobretudo num momento em que se conjuga com o Brexit e a guerra comercial entre a China e os Estados Unidos. Sem cooperação, sem solidariedade, sem o compartilhar de informação científica, o mal-estar mundial será muito maior.

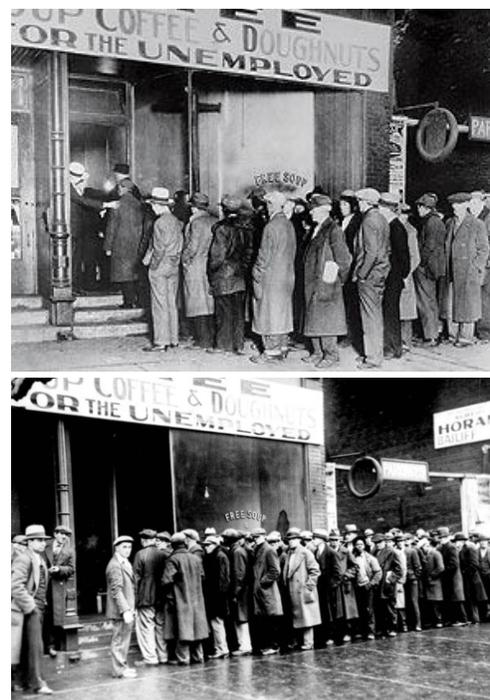
Acontece, ainda, que esse mal estar social se agravará ainda mais na Europa se o impacto da crise afectar mais o sul do que o norte como se viu com a crise de 2011. Haverá o perigo de um retorno ao calvinismo europeu do século XVI, onde há os escolhidos e os condenados, onde os pecadores devem pagar pelos seus pecados, como proclamou, em 2017, Jeroen Dijsselbloem, à época ministro das Finanças holandês, quando afirmou que "os sulistas gastam o dinheiro em mulheres e vinho" ou que vivem acima das sua possibilidades. A pandemia passará mas será preciso pensar por quais ruas e cidades caminharemos depois. A pandemia está a provocar, como refere Ezra Klein "Um colapso pessoal que será muito duro para a população mais isolada e solitária, como os idosos. A Terra, como um planeta vivo, corre o risco de cair numa espécie de depressão social colectiva causada por esse tempo de distanciamento provocado e um confinamento imposto, mas também voluntário.

Cerca de 1990, foi criado o termo cacofónico *cocooning*, que significa encapsulamento, para definir a tendência de uma menor socialização dos indivíduos que tem mais tendência para ficarem recolhidos em casa devido ao tempo que passam na internet.

Hoje com o confinamento, o *cocooning* generalizou-se, com a tendência de as pessoas socializarem menos fora e a fazerem do lar a sua fortaleza. O problema, entretanto, é que queremos estender esse privilégio a actividades muito importantes como a educação e o amor, que não podem deixar de ser presenciais: exigem o "corpo a corpo", avisa o filósofo Fernando Savater.

A imensa urgência do presente impede-nos de avaliar qual horizonte o futuro nos deixará.

Nuno Abreu com base num artigo de El País de 20 de Abril



As filas do desemprego na Grande Depressão



Que conduziu à hiperinflação de Weimar

Para onde caminhamos nós?





rubrica

da saúde

Pedro Silva Carvalho
Médico Psiquiatra

COVID-19

As repercursões a nível neuropsiquiátrico

O ser humano passou por diversas epidemias ao longo dos séculos, com enorme impacto a todos os níveis. No primeiro trimestre de 2021 ultrapassamos os 3 milhões de mortes a nível mundial motivadas pela SARS COV2, que deixa a sua marca na saúde e na economia, afetando as esferas biológica, social e psicológica de toda a população.

Apesar de se caracterizar por ser doença infectocontagiosa com principal influência a nível respiratório, tem sido crescente a evidência de implicações noutros órgãos. Uma que está presente de forma pronunciada é o impacto neuropsiquiátrico na população em geral.

As síndromes clínicas reportadas foram classificadas como acidente cerebrovascular (hemorrágico ou isquémico), alteração do estado mental (convulsões, encefalite, síndromes neuropsiquiátricas, psicose, síndrome neurocognitiva semelhante à demência, alterações de personalidade, ansiedade, depressão, síndrome de fadiga crónica e stress pós-traumático, alterações neurológicas periféricas, entre outras). Todas podem surgir isoladamente ou em conjunto na mesma pessoa.

Conforme vamos tendo um crescente número de sobreviventes de patologia grave de Covid-19, verificamos que o seu agente, vírus SARS-CoV-2, não é somente viscerotrópico, mas também neurotrópico, indicativo de ser um vírus perigoso e letal.

Mas temos, por outro lado ao longo deste último ano e meio, informações exageradas, rumores e sensacionalismo sobre a doença, através das redes sociais e dos media, gerando medo por vezes irracional. Por outro lado, também existem indivíduos que partilham e forjam informações e conteúdos que diminuem a importância e a gravidade da pandemia; isto influencia na percepção diminuída e errônea sobre a mesma. Numa dimensão social, a perda massiva de rotinas, vínculos afetivos presenciais, qualidade de vida financeira



Centro de Reabilitação
de Guimarães

gerar patologia psiquiátrica.

Sendo a população idosa particularmente vulnerável, estudos empíricos indicam que pacientes que testaram positivo para COVID-19 apresentaram piora no estado de saúde mental, com elevação nos níveis de depressão, ansiedade e transtorno do stress pós-traumático, além de deterioração da qualidade do sono, quando comparados a indivíduos com controle negativo para COVID.

A propensão de relatar sintomas será de duas a três vezes superior.

Por estes motivos, o tratamento e reabilitação de quem foi vítima de covid 19 nas suas diferentes formas, será, a meu ver, muito relevante, pelo que as instituições da área da saúde têm-se organizado na criação de consultas de apoio.

É o caso do Centro de Reabilitação de Guimarães (CRG), que dispõe de uma equipa com profissionais de várias especialidades que procuram dar a melhor resposta, quer no domínio das consultas, quer com recurso a internamento.

Pedro Silva Carvalho

Hernández-Fernández F, Valencia HS, Barbella-Aponte RA, Collado-Jiménez R, Ayo-Martín O, Barrera C et al. Cerebrovascular disease in patients with COVID-19: neuroimaging, histological and clinical description, Brain, awaa239, July 22, 2020.
Romero-Sánchez CM, Díaz-Maroto I, Fernández-Díaz E, Sánchez-Larsen A, Layos-Romero A, García-García J et al. Neurologic manifestations in hospitalized patients with COVID-19: The ALBACOV registry, Neurology June 2020.
Rooney S, Webster A, Paul L. Systematic Review of Changes and Recovery in Physical Function and Fitness After Severe Acute Respiratory Syndrome - Related Coronavirus Infection: Implications for COVID-19 Rehabilitation. Oxford University Press on behalf of the American Physical Therapy Association. 2020.



rubrica

a nossa...

EDUCAR É VIAJAR NO MUNDO DO OUTRO, SEM NUNCA PENETRAR NELE

A prova de sucesso da nossa ação educativa é a felicidade da criança



É dos sonhos que nasce a inteligência.
É preciso escutar as crianças para que a sua inteligência desabroche.



A criança aprende brincando, por isso é preciso criar ambientes que estimulem a sua criatividade



O maior sinal de sucesso para um professor é poder dizer: as crianças estão trabalhando agora como se eu não existisse.

Educar é semear com sabedoria e colher com paciência



EÇA DE QUEIRÓS: um escritor intemporal

por Sara Freitas
Docente na Escola Secundária
de Fafe



Eça de Queirós é, sem dúvida, um dos escritores mais influentes da literatura portuguesa do século XX e a crítica à sociedade do seu tempo, como defensor do Realismo, presente nas suas obras, através da ironia e do tom jocoso, estende-se à atualidade.

De facto, a escrita de Eça de Queirós, rompendo com os cânones do Romantismo, deixou de ser de puro deleite para passar a ser uma fonte de verdades, uma vez que os escândalos e a corrupção da sociedade daquele tempo eram ignorados, ou mesmo tapados, porque incomodativos. Eça de Queirós, um dos protagonistas da Geração 70, na 4ª Conferência do Casino, proferida em Lisboa, referiu: "(...) *O Realismo é a anatomia do caráter. É a crítica do homem. É a arte que nos pinta a nossos próprios olhos, para nos conhecermos, para que saibamos se somos verdadeiros ou falsos, para condenar o que houver de mal na nossa sociedade.*" Sendo cônsul de Portugal, Eça era um homem viajado, com uma cultura e clarividência excecionais. Embora vivendo longe, estava atento a tudo o que se passava no seu país, apercebia-se do estado em que a sociedade portuguesa se encontrava e retratava-o nas suas obras com uma escrita peculiar e única.

João Pereira Coutinho, cronista e professor universitário, disse, numa entrevista ao Observador, que mais importante do que a crítica é a capacidade que Eça tem de captar o temperamento nacional.

Deste modo, *As Farpas* de Ramalho Ortigão e Eça de Queirós são um exemplo dessa perspicácia. Altamente críticos e irónicos, estes artigos que visavam satirizar a literatura romântica falsa e hipócrita, a imprensa e o jornalismo, atingiram tudo e todos, já que fizeram críticas a nível económico, cultural, social e até moral.

Infelizmente, 150 anos depois, as extraordinárias palavras de Eça de Queirós, retiradas desses artigos, nunca foram tão atuais: «*O País perdeu a inteligência e a consciência moral. Os costumes estão dissolvidos e os caracteres corrompidos. (...) Ninguém se respeita. Já se não crê na honestidade dos homens públicos. (...) O desprezo pelas ideias aumenta em cada dia. Vivemos todos ao acaso. (...) Todo o viver espiritual, intelectual, parado. (...) A mocidade arrasta-se, envelhecida, das mesas das secretarias para as mesas dos cafés. A ruína económica cresce, cresce, cresce (...).*».

Outra extraordinária coincidência foi a notícia sobre o navio porta-contentores *Ever Given*, que encalhou no Canal do Suez, no mês passado, visto que uma notícia semelhante tinha sido referenciada por Eça de Queirós na Crónica de viagem publicada no *Diário de Notícias*, a 19 de janeiro de 1870, por ocasião da inauguração do Canal de Suez, a que o escritor assistiu, durante a sua viagem ao Egito e à Palestina. Nessa crónica, Eça escreveu: "o «*Latife*», pequeno vapor que na véspera tinha partido como explorador, encalhara; que os navios reais e imperiais, os vapores egípcios com os convidados não podiam passar na estreiteza do

canal, e que apesar de alijados da sua artilharia, e sem lastro, pediam mais água do que o canal tinha de profundidade" (...).».

Segundo o DN da época, Eça também relatou: "(...)

"...era doloroso ver tudo aquilo findar repentina e vergonhosamente, ver-se que num canal feito para a navegação não cabiam navios, que aquilo era uma obra ridiculamente grandiosa, e que em lugar de tudo terminar em triunfos, tudo terminava em gargalhadas!"

Carlos Reis, especialista em Eça de Queirós, que foi meu professor de Literatura Portuguesa e o responsável pela minha paixão por este escritor, dizia, nas aulas, que Eça narra com uma leveza insuperável, com uma graça cruzada com ironia, que ambas revelam uma visão do mundo com um brilho, com uma agilidade e com uma argúcia crítica ímpares.

Assim, não posso terminar sem deixar de aconselhar a leitura das obras de Eça de Queirós, que sendo um marco da literatura portuguesa, era um exímio crítico da sociedade do seu tempo, revelando-se, como já evidenciei, intemporal.

Leiam muito e valorizem o que é genuinamente português!

Sara Freitas



Eça de Queiroz relata uma Port Said pouco agradável:

"Ali em Port Said, apesar dos seus doze mil habitantes, não há ainda um viver definitivo e regular." Até a Igreja Católica, assinala, "é como uma grande barraca". Mas naquele dia 17, da inauguração, está "cheio de gente, coberto de bandeiras".

In DN de 25 de Novembro de 2020



rubrica

da nossa janela...



A história do Palhaço Pobre que foi Rico e ficou Muito Pobre

"O mundo parece um circo. Com uma fera indomável à solta, cada cidadão é empurrado para a sua jaula, a bem ou a mal – para seu bem. E o espetáculo parece estar para ficar.

É o que sente Ayres Ribeiro, 52 anos, palhaço de profissão com uma carreira internacional-mente reconhecida: mal a pandemia se espalhou e fez fechar fronteiras, ficou sem trabalho.

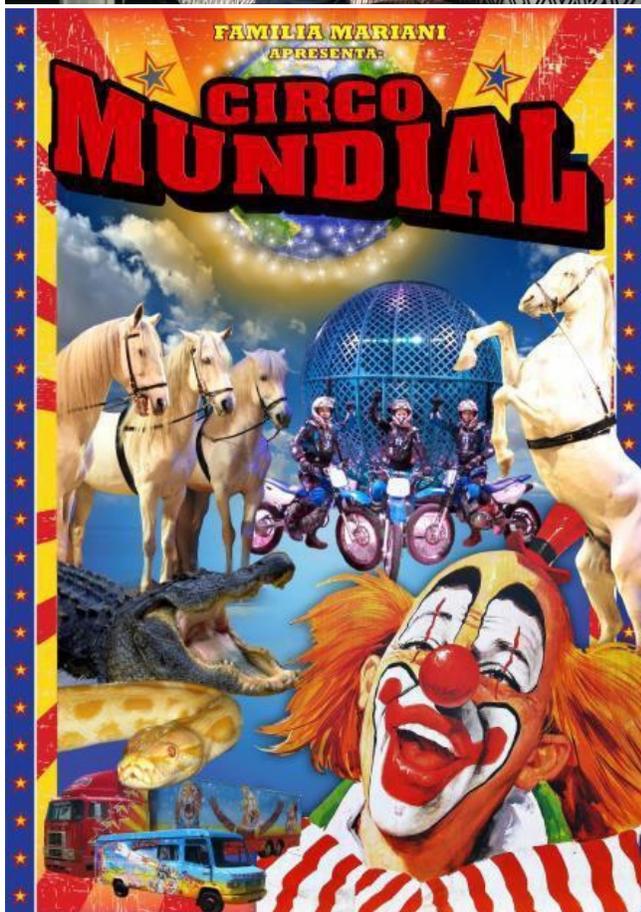
«Sabe quando isto vai terminar? Eu não sei e o meu terror é esse!

Sabe o que é um homem como eu, que sempre trabalhou e ganhou muito bem, passar a depender de outros para dar de comer à família e não ter dinheiro para comprar medicamentos sem os quais o meu bebé morria?» – questiona o artista enquanto segue com o olhar as cabriolices do filho mais novo, Marlon, a quem aos dois anos foi detetado um tumor alojado em grande parte do cérebro, tornando impraticável a sua remoção.

Ayres olha agora para o seu passado como um espectador que não pode retroceder a fita do filme à procura de uma explicação para as ratoeiras em que caiu. Não se pode dizer que não tenha sido pragmático.



Por: Felícia Cabrita



Descendente de gente ligada à arte circense, rapidamente percebeu que em Portugal não tinha futuro. O país olha para a cultura como para a banha da cobra. E foi em Paris, onde a sua arte é reconhecida, que há cerca de 20 anos, praticamente se instalou. Tinha contratos semestrais com uma empresa francesa, ganhava seis mil euros limpos por mês, vivia com a mulher e os três filhos numa roulotte cheia de comodidades e investira em dois terrenos em Portugal – onde gostava de passar longas temporadas na sua casa ambulante.

Um diagnóstico terrível!

Ayres é um homem esforçado, daqueles que creem que o trabalho é tudo ou quase tudo, e que se desenrascaria bem em qualquer circunstância. Mesmo nos intervalos dos seus périplos pelo mundo, quando assentava em Portugal não recusava um convite.

Há quatro anos, quando estava com o Circo Mundial em Portimão, a sua vida e a da família deu uma volta de 180 graus. Marlon, o filho mais novo, passou a ter com frequência febres altas, e a sua mulher viu-se obrigada a constantes idas com ele às urgências do hospital.

Até que um dia, indisposto com a rotina, um médico lhe diz:

- «Ó mãe, já veio cá três vezes, não vê que isso é apenas um bicho que anda por aí?!»

Dias depois, como o estado febril do garoto se mantivesse, foram a um hospital privado. E aí os exames ao bebé serão claros na sentença: um tumor.

«Se for operado, pode morrer ou ficar paraplégico». – dizem-lhe.

Ayres desabafa: «Nada é pior do que isto. Pior mesmo será se não o conseguir manter vivo. Mudei tudo na minha vida a partir desse dia. Tenho umas terras que comprei no Pinhal Novo, mas como ainda não tenho lá luz estacionei a roulotte neste terreno, que é de uns primos e fica mais perto do Instituto Português de Oncologia (IPO), onde o bebé é seguido.

A minha família passou a ficar aqui para ter mais comodidades e eu, como na altura tinha dinheiro, comprei outra mais pequena para continuar a trabalhar em França.

continua na página seguinte



NASCER DO
SOL

www.sol.pt

Esta história, da autoria de Felícia Cabrita, foi publicada em, 20 de Outubro de 2020, no semanário **Sol**, onde a mesma exerce actualmente a actividade de Jornalista.

Licenciou-se em Línguas e Literaturas Modernas (variante de Estudos Portugueses) na Universidade Nova de Lisboa.

Tem publicada uma significativa obra literária. Nomeadamente:

- *Ballet Rose – Uma novela (a)moral* (com F. Moita Flores), 1998;
- *Mulheres de Salazar*, 1999
- *O Olhar da Serpente* (cooautoria com Sara Rodrigues), 2003
- *Os Amores de Salazar*, 2006
- *Pinto da Costa – Luzes e Sombras de um Dragão* (cooautoria com Ana Sofia Fonseca), 2007
- *Massacres em África*, 2008
- *Passos Coelho – Um Homem Invulgar*, 2015
- *Caso Sócrates* –

Quando se é forçado a perder a veronha

Estava cá quando a covid apareceu e nos deixou nesta situação. Já tinha o bilhete de avião para Paris, seguia depois de lá para as Caraíbas, onde o circo ia ficar três meses. Mas fecharam os aeroportos e os espetáculos também foram cancelados. Até hoje».

“Ainda emprestei dinheiro a colegas”

O mundo transformara-se num universo estranho de reclusão e defesa. Os mais velhos, em lares, morriam confinados, a correria feliz das crianças nas escolas fica adiada, as cidades parecem centros de uma verdadeira explosão onde apenas o betão resistiu. As ruas ficam desertas. Há pessoas atiradas para a miséria a procurar no lixo comida para a família.

Na esfera artística, praticamente paralisada, já houve dois suicídios. A economia, esse monstro abstrato, ressentiu-se, muitos ficam no desemprego e as dívidas são um caos concreto. As poupanças de Ayres, que sempre acreditou que a contenção financeira o livraria de certos apuros, esgotam-se:

- «Quando isto começou em Portugal, nunca pensei que durasse muito e, como os circos fecharam todos, ainda emprestei algum dinheiro a colegas que ficaram desempregados e numa grande aflição. Mas foi o que foi. Tinha as minhas despesas, a prestação de um carro e só em medicamentos para o Marlon são 120 euros por mês. Fiquei sem nada. Tive de recorrer ao Banco Alimentar contra a Fome para poder alimentar a família e é também através de uma assistente social que trabalha com a Isabel Jonet que consigo os remédios para ele. É muito humilhante... um homem que sempre trabalhou sente-se um parasita quando tem de recorrer a outros. Mas pelos filhos perde-se toda a vergonha!».

Um tratamento experimental

A emoção embarga-lhe a voz, tenta mascarar os sentimentos e dirige o olhar para o filho. A vida do artista, que sempre usou a sua vocação como se com uma gargalhada pudesse resgatar a espécie humana, já não é a mesma. Parece agora alimentar-se apenas da energia galopante do pequeno, loiro como ele, que no capítulo da felicidade se mostra invencível. Marlon está agora com seis anos, mas a quimioterapia atrofiou-lhe o desenvolvimento físico e aparenta muito menos. Caminha para a cegueira, já não tem visão periférica, mas ninguém diria. Com a pandemia a propagar-se num segundo *round*, o catraio mal sai da roulotte e habitua-se a viver naquele exíguo espaço. Depois da autorização da comissão europeia de saúde para um novo tratamento, Ayres recuperou a esperança: «Está agora a tomar uns comprimidos que ainda estão na fase experimental, só têm sido usados em adultos.

Mas têm muitos efeitos secundários. Provocam-lhe muita sede durante a noite e não dorme, passa a vida na casa de banho, a boca rebenta-lhe e tem urticária, está sempre a coçar-se. Mas está com esta energia toda. Quer ser trapezista. É um sobrevivente!».

O artista continua, porém, a sentir-se encurralado. Com a reabertura dos circos ainda sem data, conseguiu um emprego como motorista numa empresa de camionagem, vive na mais estrita economia material e a noção de confiança foi completamente banida da memória: «Se vier aí um novo confinamento global e eu perder o emprego, o que será dele? De nós?».

É TEMPO DE ABRIR A JANELA E VER O QUE SE PASSA LÁ FORA





os nossos colaboradores



Polvoreira no centro da actividade religiosa no Portugal Medieval

Fez 673 anos, no passado dia 30 de Abril, que por escritura pública, celebrada em Lisboa, o Padroado de Polvoreira foi doado às Clarissas do Mosteiro de Vila do Conde. Como é de conhecimento relativamente alargado aquele Mosteiro foi fundado, no segundo decénio do século XVI, pela titular do Padroado de Polvoreira.

Penso, contudo que, eventualmente, poucos associarão que, no decénio de 1310 a 1320, foram construídos dois mosteiros e reconstruído um, por gente com ascendentes próximos em Polvoreira. Estou a referir concretamente, para além do Mosteiro de Vila do Conde, o Mosteiro de Sancti Spiritu, em Toro, perto da fronteira portuguesa de Bragança, e o Mosteiro de S. Bento de S. Tirso, aqui pertinho de nós.

Reproduzimos aqui, antecipando aquilo que será mais desenvolvido no livro "Polvoreira Milenar" que, em breve, será editado.

Em relação à fundação do Mosteiro das Clarissas de Vila do Conde, pode-se referir que, a 15 de Março do ano de 1318, João XXII, o primeiro papa de Avinhão, expediu um carta intitulada "*Ordinem Sanctae Clarae*", estabelecendo as normas eclesiásticas a implementar naquele Convento.

Cerca de dois meses mais tarde, a 7 de Maio, é mandado lavrar por Afonso Sanches e por Teresa Martins, a titular do Padroado, um documento onde são fixadas com todos os pormenores as normas de acesso ao convento e as da actividade regular do mesmo.

Aí se fica a saber que se destinava predominantemente a fidalgas pobres. No respectivo escatocolo podemos confirmar que o documento foi já outorgado nas instalações do convento, levando a conjecturar que, à data, já ali habitavam as Clarissas. Nele os fundadores determinam que os seus corpos deverão ser sepultados no exterior, numa galilé a construir à entrada da Igreja do Convento, onde seriam sepultados todos os membros de sua família.

Acontece também que o Mosteiro de St^o. Tirso foi reconstruído, aproximadamente, por essa data, conforme consta do testamento de Violante Sanches, de 3 de Outubro de 1310, bem como do testamento, de 23 de Novembro de 1312, de Martim Gil II, cunhado de Afonso Sanches, que ainda hoje pode ser consultado nos arquivos da Torre do Tombo. O testamento de Martim Gil II determina que ele e sua mulher sejam sepultados juntos do altar-mor da Igreja, "*muitalta e mui bôa*", que haviam mandado construir, anexa ao convento.

Salientamos agora que o testamento de Teresa Gil, filha do Polvoreirense Gil Martins, datado de 1307, ordena que com os seus avultados bens se construa um mosteiro onde venha a ser sepultada. E Maria de Molina, então regente dos reinos de Leão e Castela, indicada como sua testamenteira, lança, a 28 de Agosto, de 1316, em Toro, a primeira pedra, em cerimónia solene registada para a posteridade.

Sistematizando.

Teresa Gil é irmã de Martim Gil, o pai de Martins Gil II e, por afinidade, tia de Violante Sanches, a irmã de Teresa Martins. No segundo decénio, do século XIV, entre os anos de 1310 a 1320, foram construídos dois mosteiros e reconstruído um outro, anteriormente fundado por ascendentes da família dos Ribavizela, a saber: Mosteiro de Vila do Conde, Mosteiro de Toro, Mosteiro de Santo Tirso. Neles estão sepultados, em lugar de grande destaque, os respectivos benfeitores:

Afonso Sanches; Teresa Martins; Teresa Gil; Martim Gil; Violante Sanchez.

Ora todos estes personagens históricos estão intimamente ligados a Polvoreira. Teresa Gil era, repete-se, filha do Polvoreirense Gil Martins, titular do Padroado de Polvoreira em 1258, que fora mordomo-mor do reino e casado com a primogénita dos Maia, a família fundadora do Mosteiro de Santo Tirso.

Martim Gil II foi alferes-mor do reino sucedendo ao pai, Martim Gil, um Polvoreirense que fora também mordomo-mor da Rainha Santa, e durante duas décadas, benfeitor do Mosteiro de Santo Tirso.

Afonso Sanches era filho bastardo de D. Dinis, foi mordomo-mor do reino e foi casado com Teresa Martins, a titular do padroado de Polvoreira, de 1312 a 1345, que era cunhada do Martim Gil II, o neto do Polvoreirense Gil Martins.

Estas coincidências no tempo, estas estreitas relações familiares, o facto de existir uma grande rivalidade jurídica entre o filho de D. Dinis, Afonso Sanches, e o filho de Gil Martins, Martim Gil, no processo sucessório que envolvia as suas mulheres, Teresa e Violante, levou, pensamos nós, a que cada um pretendesse ter o seu panteão num mosteiro grandioso que o fizesse relembrar por toda a eternidade, eternidade que procuravam na vida celestial mas sem descuidar de deixarem bem vincadas as suas marcas na vida terrena.

Notável, Polvoreirenses!



Túmulo de Teresa Gil no Mosteiro de Sancti Spiritu, em Toro, Zamora



Mosteiro de S. Bento em S. Tirso
Em baixo: inscrição existente neste Mosteiro



AQUI IAZ D. MARTIM GIL DE SOVSA CONDE DE BARCELLOS ALFEREZ MOOR DEL REY D. DINIS E MORDOMO MOOR DELREY D. AFONSO SEV FILHO SENDO PRINCIPE E IAZ CO ELLE A CONDESSA DONA VIOLANTE SANCHEZ SVA MOLHER OS QVAIS DERAO A ESTE MOYSTEIRO DE S. TYSSO MUYTAS HERDADES...



Mosteiro das Clarissas em Vila do Conde



info

paróquia



Mensagem de D. Jorge Ortiga

Ouvimos repetidamente a mensagem que D. Jorge Ortiga endereçou à comunidade Polvoreirense e ficamos a pensar que, eventualmente, O Sr. Arcebispo admite que muitos paroquianos possam ter razão.

Na verdade há actos praticados que, pelo menos, parecem resultar da falta de dedicação e entrega do Pároco desta freguesia. Só que tendo delas dado conta a D. Jorge Ortiga, jamais tais parecenças foram desfeitas.

É pena, porque, sinceramente, gostaríamos de ter uma paróquia sem tantas ovelhas tresmalhadas e outras mantidas a tanta distância que parecem portadoras de Covid.

Ser Bom Pastor, uma vocação

Aproveitamos aqui para transcrever a descrição de um bom pastor feita pelo sábio Padre Vítor Feytor Pinto, por esta época, há cerca de seis anos, precisamente, em 26 de Abril de 2015.

Talvez ela nos ajude a separar o trigo do joio, o que é, do que parece ou do que não parece.

“No Evangelho de João, há páginas reveladoras da grande ternura de Deus para com o homem. A alegoria do Bom Pastor é uma delas. Jesus intitula-se Bom Pastor. Esta imagem era fácil de compreender pela gente mais simples que o seguia. Jesus queria revelar-se plenamente disponível para todos, acolhendo quantos o procuravam. Tinha o desejo de responder aos seus apelos. Cada expressão que o evangelista coloca na boca de Jesus é de uma ternura sem paralelo e permite saber que Jesus está sempre à disposição de todos. Percorrendo o texto evangélico, facilmente se compreendem as atitudes que Jesus tem: são as normais formas de um pastor se relacionar com as suas ovelhas. O Bom Pastor não é mercenário, querendo tirar lucro das ovelhas que acompanha. O Bom Pastor não é indiferente perante uma ovelha que adocece ou se extravia. O Bom Pastor não é um estranho que só cuida das ovelhas pela pressão que alguém sobre ele exerce. O Bom Pastor não é negligente, descuidando-se por preguiça ou por falta de interesse. O Bom Pastor tem características próprias:

- Conhece as suas ovelhas;
- Chama-as pelo seu nome e elas escutam a sua voz;
- Vai à frente delas e elas seguem-no;
- Vai à procura daquela que se perdeu;
- Pondo-a aos ombros, trá-la para o redil.

Esta página do Evangelho, ao falar do Bom Pastor, aparece como definindo o modelo de sacerdote e de outros consagrados, sobretudo nesta semana de oração pelas vocações. Todo o consagrado e sobretudo o padre, quando à frente de uma comunidade, deve assumir-se sempre como o Bom Pastor.

- Estabelecer com as pessoas uma relação de proximidade;
- Acompanhar cada pessoa fazendo seu o problema de cada um;
- Vai à frente envolvendo cada um nos projetos pastorais que trazem inovação evangelizadora;

- Oferece o perdão aos que se afastaram. A nossa oração, nesta semana de oração pelas vocações, envolve toda a comunidade. Que nesta Paróquia possam surgir muitos que se consagrem mais e mais ao serviço da Igreja e do mundo.

Preleção completa em Histórico Igreja do Campo Grande



JANELA DA SAUDADE

FALECEU

 Agostinho Lopes Teixeira

Rua António Costa Guimarães Urgezes, Guimarães



Agradecimento e Missa 7.º dia

 Manuel Gonçalves Araújo

Polvoreira, Guimarães



Memorial



AGÊNCIA FUNERÁRIA
SÃO PEDRO
DE POLVOREIRA, LDA.



☎ 253 523 580 ☎ 966 037 910
☎ 253 524 057 ☎ 966 618 931
funerariasapetro@sapo.pt



CAFÉ RIO
RESTAURANTE



253 523 841
936 806 682
934 801 904

FRANGO À RIO
POR RESERVA E
OUTROS PRATOS

R.Cmte. João de Paiva Faria Leite Brandão, 233
4835 - 192, Polvoreira, Guimarães



Est. 1960
FRANCISCO TEIXEIRA
DISTRIBUIDOR AUTORIZADO
931 604 572

COMPRO E VENDE
EQUIPAMENTOS USADOS

FRANCISCO TEIXEIRA
NEGÓCIOS

Polvoreira - Guimarães
931 604 572
franciscoteixeiranegocios@gmail.com



VITÓRIA S.C.

Talho Oliveira

Rua das Oliveiras - Polvoreira - GMR
TLF: 253 524 010 - TLM: 917 537 242



RESTAURANTE
TREVO
GUIMARÃES




Rua Cmte. João de Paiva Faria Leite Brandão, 2005
Polvoreira - Guimarães
253 522 372



CASA DOS BOMBOS ALVES
José Manuel Salgado Alves

Rua N.º Snr.ª de Fátima, 524
Polvoreira, Guimarães 962 930 407

O Pontido -
- Café Snack Bar, Lda



Largo Campo da Casa Nova 48,
4835-144, Polvoreira, Guimarães
253 523 136

Café Areal




Rua Ribeiro da Ponte, 530
Polvoreira - Guimarães
253 522 444

paulocar



Estrada Nacional 105, n.º 1531
Polvoreira, Guimarães
932 665 701



Filipe Abreu
Mediador Exclusivo

filipeabreu@meo.pt
T. +351 253 464 888
M. +351 916 987 933

Rua António Costa Guimarães, 2861
4810-491, Urgezes, Guimarães
fidelidade.pt

TECNOLOGIAS
ESTRATÉGICAS

Sonhe, nós
desenvolvemos!

Equipamentos e Serviços de
Informática, S.A.

Rua dos Estoleiros N.º304, Polvoreira
4835 - 163 Guimarães

Telf: (+351) 253 424 570
Fax: (+351) 253 514 704

E-mail: geral@vimaponto.pt

Apoie as associações
de Polvoreira!

SINCRONIDEIA
Data Privacy & Security

SINCRONIDEIA - Informática, Lda.

Rua dos Estoleiros N.º304, Polvoreira
4835 - 163 Guimarães

Telf: (+351) 253 036 727
geral@sincronideia.pt



CliHotel
de Guimarães

253 424 400
E.N. 105, n.º 787 - 4835-164, Guimarães

